

**“POLÍTICAS DA MASCULINIDADE” E UM DOCUMENTÁRIO SOBRE HOMENS:  
SUSPENDENDO “VERDADES”**

**“POLITICS OF MASCULINITY” AND A DOCUMENTARY ABOUT MEN: SUSPENDING  
“TRUTHS”**

**“POLÍTICAS DE LA MASCULINIDAD” Y UN DOCUMENTAL SOBRE HOMBRES:  
SUSPENDER LAS “VERDADES”**

Carol Corso von Eye<sup>1</sup>

Neila Pereira Seliane Witt<sup>2</sup>

27

**RESUMO:** Tomando o conceito de “Terapias de Masculinidade” de Connell (1995), neste artigo problematizamos a trama envolvida nos movimentos contemporâneos de masculinidades a partir das cenas do documentário “O Homem e suas Amarras” (2021). Consideramos que as masculinidades são produzidas social e culturalmente, em redes discursivas, e que documentários são artefatos culturais que funcionam como pedagogias culturais ao difundir sentidos sobre ser homem ou mulher. Por meio da leitura de Connell e análise do documentário, observou-se as verdades que circulam nas cenas e buscamos problematizá-las a partir de uma tessitura com a teoria queer e a vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais. Há, nas falas dos entrevistados, verdades que tendem a naturalizar a diferença sexual e a violência como parte inerente da masculinidade. Argumentamos que o Ensino de Ciências pode contribuir para desconstruir essas verdades essencializantes que fixam identidades de gênero aos corpos sexuados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação e Educação. Masculinidade. Artefatos Culturais.

**RESUMEN:** Con el concepto de “Terapias de masculinidad” de Connell (1995), en este artículo problematizamos la trama que envuelve los movimientos contemporáneos de masculinidades con escenas del documental “O Homem e suas Amarras” (2021). Consideramos que las masculinidades se producen social y culturalmente en redes discursivas y que los documentales son artefactos culturales que funcionan como pedagogías culturales al difundir significados sobre ser hombre/mujer. A través de la lectura de Connell y análisis del documental, observamos las verdades que circulan en las escenas y buscamos problematizarlas a partir de una trama con la teoría *queer* y la vertiente posestructuralista de los Estudios Culturales. En las escenas, hay verdades que tienden a naturalizar la diferencia sexual y la violencia como parte inherente de la masculinidad. Argumentamos que la

<sup>1</sup> Licenciada em Ciências Biológicas, Estudante de Mestrado do PPG Educação em Ciências da UFRGS. E-mail: [carol.corso.ve@gmail.com](mailto:carol.corso.ve@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0884-5537>.

<sup>2</sup> Doutora e mestre em Educação em Ciências pelo PPG Educação em Ciências, da UFRGS. Atua como docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza; no Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física; no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na linha de pesquisa “Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos e de currículos” e lidera o Grupo de Pesquisa ECCoS - Educação, Ciência, Corpo e Sociedade. E-mail: [neila.witt@ufrgs.br](mailto:neila.witt@ufrgs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0174-8489>.

enseñanza de las ciencias puede contribuir a deconstruir estas verdades esencialistas que fijan las identidades de género a cuerpos sexuados.

**PALABRAS CLAVE:** Comunicación y educación. Masculinidad. Artefactos culturales.

**ABSTRACT:** Taking Connell's (1995) concept of "Masculinity Therapies," in this article we problematize the plot involved in contemporary masculinity movements based on scenes from the documentary "O Homem e suas Amarras" (2021). We consider that masculinities are socially and culturally produced in discursive networks and that documentaries are cultural artifacts that function as cultural pedagogies by disseminating meanings about being a man or a woman. Through reading Connell and analyzing the documentary, we observed the truths that circulate in the scenes and sought to problematize them based on a weaving together of queer theory and the poststructuralist strand of Cultural Studies. In the interviewees' statements, there are truths that tend to naturalize sexual difference and violence as an inherent part of masculinity. We argue that science education can contribute to deconstructing these essentializing truths that fix gender identities to sexual bodies.

**KEYWORDS:** Communication and Education. Masculinity. Cultural Artifacts.

## 1 Introdução

Nas últimas décadas, devido ao ativismo político feminista e LGBTQIAPN+, desestabilizações vêm ocorrendo nos papéis sociais de gênero, abrindo espaço para que homens pudessem questionar o "modelo ideal" de ser homem, ou seja, o modelo hegemônico de masculinidade. O termo masculinidade é definido por Connell (1995) não como uma essência biológica, mas como uma posição nas relações de gênero que interfere diretamente nas práticas sociais e nas maneiras que o sujeito se relaciona com experiências culturais e pessoais. Dessa maneira, é possível compreender que diversas masculinidades coabitam o tecido social e podem, inclusive, estar presentes em um único indivíduo. Além disso, as discussões sobre as masculinidades têm sido mais frequentes, tanto na academia quanto na sociedade, operando disputas constantes de poder e significado (Oliveira; Brito; Lopes, 2023).

Embora o debate sobre masculinidades tenha ganhado espaço tanto na discussão pública quanto na academia, há indicadores que apontam para o fato de que os homens e meninos têm estado em desvantagem em estatísticas educacionais, fenômeno discutido sob o conceito de inversão das desigualdades de gênero na educação (Carvalho, 2004), além de figurarem taxas de mortalidade e suicídio dramaticamente superiores aos das mulheres (PAHO, 2019). Nesse descompasso

entre privilégios estruturais do patriarca e o sofrimento da subjetivação de meninos e homens, emerge a discussão sobre a masculinidade tóxica. Para Felipe (2019), a masculinidade tóxica é um *script* de gênero, que pauta a masculinidade em características culturais de sexo, violência, força e status social. Essa noção de masculinidade é nociva tanto para homens quanto o é para mulheres, além de “produtora e potencializadora da cultura do estupro, da LGBTfobia, da misoginia, do machismo e do racismo” (Moraes; Felipe, 2022, p. 108);

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de Mestrado que investiga como os regimes de verdade presentes nas aulas de Ciências contribuem na produção e performatividade de masculinidades. Como aprofundamento teórico, este ensaio propõe aproximar os diálogos contemporâneos de homens brasileiros retratados em um documentário, com as ideias apresentadas por Raewyn Connell<sup>3</sup> em “Políticas da Masculinidade” (1995), utilizando como base excertos de falas do filme e referencial teórico dos Estudos da Masculinidade, tencionando as suas potencialidades e limites analíticos através de lentes pós-críticas. O *corpus* empírico que dá chão à esta reflexão é o documentário “O homem e suas Amarras” (2021)<sup>4</sup>. Através do mapeamento de encontro de psicólogos, terapeutas reichianos, tântricos, psicanalistas e grupos de apoio de homens, a obra cria espaço para debater sobre o machismo e o que significa ser homem. O documentário busca traçar um caminho desde a infância até a fase adulta, citando circunstâncias de vida que podem ter importante relação na construção de um condicionamento psicológico que aprisiona o homem num modo de ser e na reprodução acrítica de papéis já estabelecidos.

Para problematizar a leitura terapêutica, recorreremos às noções de performance<sup>5</sup> para Butler (2003), e de *scripts* de gênero para Felipe e Guizzo (2017). Estes *scripts* são vistos como roteiros que buscam prescrever os comportamentos dos sujeitos,

---

<sup>3</sup> A autora Raewyn Connell é uma socióloga australiana trans e durante o texto e nas referências bibliográficas nos referimos a ela no feminino e não utilizaremos seu nome morto ao referenciar seus trabalhos, mesmo que sejam anteriores a retificação de seu nome.

<sup>4</sup> Disponível em: [bit.ly/4at5EDv](https://bit.ly/4at5EDv)

<sup>5</sup> No artigo “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), Judith Butler coloca que as identidades sociais, identidades de gênero e sexualidades são produzidas através da performance, através da repetição de gestos e reiteração de falas que reforçam o entendimento de que há uma essência, uma forma pré-estabelecida de ser. Na entrevista de Berenice Bento, ela ressalta como essa performance, é antes de mais nada coletiva, visto que “ninguém faz seu gênero isoladamente, secretamente” (Padilha, Facioli, 2015, p. 146), mostrando a força regulatória do gênero.

delineando-os desde a mais tenra infância, vezes de maneira sutil, vezes de maneira explícita, incidindo, de maneira mais violenta aos meninos (Felipe; Guizzo, 2022). No entanto, é importante a ressalva de que os jovens e sujeitos num geral não são receptáculos passivos de estereótipos de gênero, e negociam, subvertem e interagem com as normas de gênero, produzindo uma construção ativa do gênero e de seus significados (Connell; Pearse, 2015).

Para compreender como essas construções são mediadas culturalmente, recorreremos ao campo dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-crítica, que analisa as significações presentes em diversos artefatos e práticas culturais, na mídia, educação e literatura (Pereira; Dinis, 2017). Estes espaços, descritos como pedagogias culturais, são locais “onde o poder é organizado e difundido” (Steinberg; Kincheloe, 2001, p. 14), e artefatos culturais como documentários são produtores de regimes de verdades, pois ensinam o que é bom ou ruim, natural ou artificial, normal ou anormal e, conseqüentemente, sobre o que significa ser homem ou mulher (Costa; Silveira; Sommer, 2003).

O artigo estrutura-se em dois momentos. Primeiramente, apresentamos uma visão dos conceitos centrais trabalhados por Connell em seu artigo “Políticas da Masculinidade” (1995), situando-os historicamente. Posteriormente, problematizam-se determinadas verdades envolvidas nas compreensões e produção de homens, que emergem nos discursos dos entrevistados do documentário, articulando as provocações de Connell com teoria queer e as perspectivas pós-crítica, com o intuito de desmontar e desconstruir as verdades essencialistas que emergem.

## **2 As Políticas da Masculinidade para Connell**

De maneira geral, em “Políticas da Masculinidade” (1995), Connell problematiza as maneiras pelas quais movimentos de homens se mobilizam e atuam no início da década de 90, no norte global e na Austrália. Contudo, a autora também reforça a importância da existência desses movimentos de homens que propõem pensar mais profundamente sobre si como uma “chave para a transformação das relações pessoais, da sexualidade e da vida doméstica” (Connell, 1995, p. 186), ou seja, estes movimentos são vistos pela pesquisadora como rotas para que se possa

construir práticas de gênero menos violentas, belicosas e perigosas para o planeta como um todo.

Connell delinea um panorama do momento histórico do surgimento dos Movimentos de Liberação de Mulheres, Gays e Homens nos anos 70 no Norte global, avaliando-os como um subproduto da mobilização social antibélica dessa década, que imaginava que a masculinidade como se conhecia seria extinta, sendo substituída pela androginia<sup>6</sup>. Contudo, vinte anos depois, o caráter histórico do gênero é reconhecido até mesmo por seus opositores, até mesmo os conservadores “estão envolvidos num pensamento histórico sobre a masculinidade. Eles aceitam o fato da transformação social do gênero, embora o deplorem ou tentem revertê-lo” (Connell, 1995, p. 187).

Connell alega que são os elementos históricos deste período, que compõem e caracterizam a política da masculinidade contemporânea e seus horizontes. Connell conceitua a masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (*Ibid.*, p. 188), e relativiza-a, ressaltando que há diversas configurações em contextos variados, profundamente envolvidas em relações de poder. Além disso, é através do gênero que capacidades reprodutivas e diferenças sexuais são trazidas para a prática social, tornando-se parte de processos históricos, dirigindo-se aos corpos, aos quais as práticas sociais se ocupam em vigiar, polir, restringir.

A autora compreende o gênero como uma estrutura de diferentes dimensões que toca e envolve a organização de elementos como economia, estado, família e sexualidade. A complexidade do gênero se exprime nas várias masculinidades produzidas em um mesmo contexto, nas relações entre essas masculinidades e na presença de feminilidade na personalidade dos homens e masculinidade na personalidade das mulheres. É justamente a complexidade e contradições implicadas nesse processo que “torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias” (*Ibid.*, p. 189).

---

<sup>6</sup> A androginia é um termo que sugere a combinação de atributos tidos como femininos e masculinos, eliminando a suposição do dualismo de gênero e criando um estado que permite o apagamento dos gêneros (Nogueira, 1996).

Na complexidade envolvida nesta rede discursiva, para Connell prevalecia uma narrativa convencional e simplista que alegava que as culturas definem o que é adequado para o comportamento dos homens e estes são forçados à conformidade pela sociedade, assim distanciando-se de características tidas como femininas. Essa lógica defende que esse árduo esforço para se encaixar na norma masculina é o que pode levar homens à violência. A autora argumenta que essa narrativa precisa de três correções. A primeira é a homogeneização produzida pelas verdades que produz pensamentos que restringem todas as masculinidades a uma norma<sup>7</sup>, negligenciando que masculinidades hegemônicas e outras são produzidas juntamente.

A segunda correção a ser feita é a de pensar o gênero como uma impressão sobre as crianças, que oculta os processos de apropriação das masculinidades na vida de meninos. Nesse caso, Connell sugere pensar em projetos de masculinidade, perseguidos ao longo da vida dos homens, defrontando-se com instituições e forças culturais. Nesse processo, os indivíduos aceitam essa norma imposta de gênero ou entram em combate, perceptível nas masculinidades de protesto, vistas nos conflitos dos meninos com a escola. Connell alerta que estas masculinidades estão em conflito com as verdades institucionalizadas, dessa maneira, essas performances de são vistas pela autora como “a fonte da desigualdade educacional” (Connell, 1995, p. 191), visto que contribuem para uma jornada escolar mais conturbada para os meninos. E finalmente, a terceira correção a ser feita é que a construção das masculinidades é “tanto como um projeto coletivo quanto como um projeto individual” (*Ibid.*, p. 191), ilustrado em exemplos de gangues de motociclistas, desfiles militares, ou de cultura sindical.

É através da luta por hegemonia que homens disputam o domínio “da definição social de masculinidade” (*Ibid.*, p. 191). Contudo, as condições que sustentam a hegemonia estão sempre mudando, portanto, padrões hegemônicos de masculinidade estão sujeitos à transformação e contestação ao longo do tempo. Connell coloca que os processos de ruptura e reconstrução das masculinidades

---

<sup>7</sup> Estamos partindo da noção de norma para Foucault correspondente ao surgimento de um biopoder que estabelece um aparelho de medicalização, gerindo a sociedade através de instituições de controle da saúde, da higiene, da demografia, e vem a produzir na sociedade “uma distinção permanente entre o normal e o patológico e impor um sistema de normalização dos comportamentos e das existências, dos trabalhos e dos afetos” (Revel, 2005, p. 65).

foram profundamente impactados pelo imperialismo, porém não são processos de pastiche ou colagem – as masculinidades ocidentais não são reproduzidas identicamente na periferia, mas são compostas em um processo coletivo e específico, ocorridos nas experiências em determinados espaços e tempos ao longo da vida.

Em trabalhos posteriores, Connell, juntamente de James Messerschmidt, mobilizam o conceito de masculinidade hegemônica para enfatizar que ela se constrói em meio às disputas. Na verdade, a masculinidade hegemônica é contingente às dinâmicas de determinado momento histórico, e opera nos níveis local, regional e global. Portanto, modelos de masculinidade fruem-se para dar conta de tensões nas relações de gênero dentro do regime patriacal, porém, esses modelos podem ser contestados, e substituídos (Connell; Messerschmidt, 2013). Essa perspectiva é central para esse ensaio, por compreender que os padrões hegemônicos operam em constante imbricação com geografias de gênero, permitindo que práticas locais — como os discursos terapêuticos aqui analisados — tensionem normas de gênero.

Em seu texto de 1995, a autora elenca quatro tipos diferentes de masculinidades ligados à historicidade, com emergência no Norte global. O primeiro deles, chamado de “Terapia da masculinidade”, tem origem no Movimento de Liberação dos Homens e deixa de lado desigualdades sociais e econômicas para focar nos problemas emocionais – uma forma de recuperação psicológica dos homens heterossexuais, a fim de amenizar desconfortos e incertezas em relação ao gênero. Nesse processo, homens voltam-se para si e seus problemas e não agem para promover mudança social. Connell vê essa masculinidade como cúmplice da estrutura ampla das relações de gênero, e salienta que os homens que reproduzem esse tipo de masculinidade tendem a ser brancos, classe média e de meia-idade, buscando uma absolvição da culpa que o movimento feminista fez emergir entre os homens, criando uma esfera separada na qual homens perseguem apenas projetos de redescoberta de si mesmos.

O segundo tipo de masculinidade a que ela se refere é aquele na qual a política exalta o poder dos homens e alimenta uma perspectiva antifeminista, ao qual Connell chama de “O lobby das armas”. Nesse caso, a autora pontua que não se via um “movimento”, mas a representação na cultura, através de comerciais, esportes televisionados e seus comentaristas, filmes de ação e super-heróis, que produzem um

discurso que mantém como ideia central a superioridade corporal dos homens e principalmente o “seu domínio da tecnologia e violência” (*Ibid.*, p. 195). Na contemporaneidade, podemos traçar paralelos com os fóruns Red Pill,

Em terceiro, há a política de gênero de homens gays. Um movimento de homens que lutou e obteve importantes conquistas, mas, como configuram-se em masculinidades subordinadas à ordem ocidental de gênero, os “terapistas da masculinidade” os ignoram quando clamam por um movimento de homens que busque fazer a diferença. Considerando o contexto da epidemia do HIV, Connell coloca que as comunidades gays demonstraram “capacidade de afeto, de solidariedade emo-cional e de ação coletiva dos homens face à crise e à violência” (*Ibid.*, p. 195), ressaltando a importância desse movimento para a desconstrução da masculinidade hegemônica. E finalmente, o quarto tipo de masculinidade é chamado por ela de “Política de saída” ou “Política transformativa”, que seria uma política que busca sair das estruturas patriarcais atuais, sendo um movimento “anti-sexista entre os homens” (*Ibid.*, p. 196).

Compreendemos que os quatro tipos diferentes de masculinidades sugeridos por Connell foram estabelecidos com base na realidade observada no Norte global na década de noventa. Apesar disso, é possível perceber que essas masculinidades se fazem presentes em diferentes contextos sociais atuais. Porém, ao enquadrarmos a análise de forma restrita à essa autora, corremos o risco de limitar as possibilidades de pensar as masculinidades apenas com essas quatro facetas, podendo restringir a compreensão sobre a constituição dos corpos diante da diversidade de elementos que podem compor tantas outras performances masculinas. As discussões dela nos instigam a pensar sobre a complexidade dos jogos de verdade envolvidos na constituição das masculinidades e nós apoiamos em autores pós-estruturalistas como Judith Butler, Michel Foucault, Guacira Louro, Silvana Goellner e Fernando Seffner para aprofundarmos a análise e discussão das verdades presentes no documentário “O Homem e suas Amarras” (2021).

### 3 Caminhos Metodológicos e Analíticos

Para analisar as verdades presentes no vídeo, considerando a elaboração de Connell (1995), faz-se necessário o uso de uma metodologia que busque tornar visível

e singular o que é ordinário e já se dissipou na poeira do cotidiano (Guizzo; Ripoll, 2015). Ao situar-nos no campo dos Estudos Culturais, entendemos que as narrativas desenvolvidas em artefatos midiáticos se configuram como práticas educativas que ditam aos sujeitos verdades e os ensinam como devem ser e se portar, ou seja, são pedagogias culturais que operam aprendizagens de subjetivação<sup>8</sup> (Costa; de Andrade, 2015).

Consideramos também que as identidades não são da ordem da natureza, mas produzidas em processos de significação (Silva, 1999), portanto, compreendemos que os homens não “nascem homens”, mas tornam-se homens através dos aprendizados sobre o que é “ser homem”, que vivem ao longo de suas vidas. Desse modo que buscamos mover o foco das identidades para a cultura, discursos e seus contextos, alinhando-nos com o pós-identitarismo da teoria *queer* (Louro, 2004). Dessa maneira, não objetivamos buscar “uma verdade” sobre as organizações de homens contemporâneas, mas sim abrir um espaço para questionar a produção desses sujeitos e os regimes de verdades que os produzem (Veiga-Neto, 2007).

Assim, ao adotarmos uma atitude epistemológica *queer*, buscamos um rompimento com a binaridade e seus efeitos de classificação, hierarquização, dominação e exclusão, em um procedimento metodológico desconstrutivo que permite demonstrar a implicação dos opostos (feminino/masculino) e questionar os processos pelos quais alguns comportamentos foram instituídos como “normais” para homens, por exemplo (Louro, 2001).

Os passos metodológicos deste estudo estão divididos em dois movimentos de pesquisa e dois movimentos de análise. Tendo em vista que o site YouTube é uma plataforma que reúne uma diversidade de vídeos e documentários gratuitos, o primeiro movimento de pesquisa constituiu em avaliar quais documentários gratuitos sobre masculinidade no Brasil, lançados nos últimos cinco anos, disponíveis na plataforma. O site YouTube, no ar desde 2005, permite a divulgação de trabalhos musicais, artísticos e documentais (Lopes; Ribeiro; Vargas, 2024). Considerando a análise de

---

<sup>8</sup> Para Foucault, é através dos “processos de subjetivação” que se obtém a produção de um sujeito, de uma subjetividade. Estes processos são vistos sob duas análises distintas: quando os modos de subjetivação são práticas de objetivação, ou seja, tornam os seres humanos em sujeitos, e em contrapartida, pensa-se também a relação consigo, que, através de técnicas, permite “constituir-se como sujeito de sua própria existência” (Revel, 2005, p. 82).

um artefato cultural no contexto do campo dos Estudos Culturais, a plataforma do YouTube se torna uma ferramenta de grande relevância para circulação de vídeos e discursos de qualquer natureza.

Realizou-se um levantamento dos documentários sobre homens ou masculinidades, protagonizados por homens, em língua portuguesa, postados no site a partir de 2020. Neste mapeamento, foi possível encontrar: 1) “O silêncio dos homens”, do canal PapodeHomem; 2) “O Homem e Suas Amarras”, do canal ohomemesuasamarras4688. Apenas o segundo artefato midiático foi escolhido para a análise devido à sua aproximação com os objetivos da pesquisa de mestrado e por apresentar elementos relacionados ao conceito “Terapias de Masculinidade” de Connell (1995). O documentário selecionado para a análise foi publicado no YouTube em 11 de março de 2021.

No segundo movimento, o documentário foi assistido integralmente diversas vezes e alguns trechos específicos foram revisitados amiúde. Após o exercício de aproximação com o material, o vídeo foi reassistido com o intuito de registrar textualmente falas e momentos relevantes para o escopo analítico deste trabalho. Posteriormente, no campo das análises, as falas extraídas do vídeo foram analisadas utilizando as categorias de masculinidade de Connell (1995), e interpeladas com pensamentos de autores pós-críticos. Na próxima seção, apresentamos as problematizações possibilitadas pelo material empírico em análise.

#### 4 Análise

O documentário “O Homem e suas Amarras” (2021), disponível no YouTube, traz psicólogos, terapeutas reichianos, tântricos, bioenergéticos, psicanalistas e integrantes de grupos de homens para debater sobre o machismo e suas implicações nas identidades masculinas e personalidades de homens. É dirigido, roteirizado e produzido por André Futata e editado e produzido por Genildo Lima Rodrigues. O filme se passa na região de São Paulo/SP, e intercala cenas dos participantes em entrevista com cenas ora com foco, ora desfocadas, da urbanidade de São Paulo.

Em uma das cenas iniciais, um terapeuta diz: “O machismo instaura um status quo, instaura um automatismo do que é ser homem para o homem, então ele se torna

escravo desses valores machistas” (00:06:19<sup>9</sup>). Nessa fala, podemos observar consonância com o que Connell descreve como uma masculinidade que se volta para si e que se vê como vítima nessa dinâmica de produção de masculinidades hegemônicas, ao entender-se como completamente subjugada nesse processo. Contudo, acaba por não observar que o corpo é produzido coletiva e individualmente, pois “nem a cultura é um ente abstrato a nos governar, nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam” (Goellner, 2013, p. 41). Portanto, considerando o proposto por Connell (1995), os “terapistas da masculinidade” falham em perceber que, na produção dos corpos, há possibilidade para reação, aceitação, resistência, negociação e transgressão (Goellner, 2013).

O mesmo terapeuta depois fala que: “A mulher se ela não prestar atenção, por mais feminista que ela seja, ela cria um machista, né?” (00:17:43). Ele associa um contexto de “excesso” de afeto e carinho por parte da mãe com a produção de um menino machista, que no futuro, acreditará que merece tudo que deseja. De acordo com ele, a mãe, no processo de tentar criar um bom menino, cria um menino envolto em um discurso de muita ternura, que se sente “Tão especial, tão poderoso, tão senhor da sua mãe que a ama tanto” (00:18:08).

De certa maneira, esse discurso se alinha com o que Seffner (2017) chamou de “crise da masculinidade” que seria fruto da sensação de uma promessa não cumprida. Contudo, há responsabilização das condutas maternas na produção das masculinidades, vistas como principais produtoras de traumas, feridas e violências. Para hooks (2021), há uma exigência cultural e social para que as mulheres perpetuem a socialização patriarcal de seus filhos, punindo a emocionalidade dos meninos ou impedindo-os de executarem tarefas domésticas. A cultura patrilal impõe às mulheres, inclusive às mães, o papel da manutenção do sistema que as oprime, portanto meninos e homens machistas não são produtos de uma suposta “falha materna” individual ou “excesso de afeto” materno, mas são produzidos através do patriarcado, que age para perpetuar a dominação masculina. Ademais, sinalizamos que há, no documentário, um enorme silêncio em relação à agência destes homens adultos, pais, frente às relações de gênero e produção de “filhos machistas”.

---

<sup>9</sup> O tempo em que a cena ocorre no documentário será indicado desta forma ao longo do texto.

As falas do documentário parecem se alinhar com a percepção de Connell de que “alguns gurus acham que o problema básico é o fracasso por parte dos pais (homens) em iniciar seus filhos na verdadeira masculinidade; outros pensam que o fracasso é das mulheres” (Connell, 1995, p. 194). Ao atribuir ao núcleo familiar toda a carga de quem ensina o que é ser menino/menina, ignora-se completamente os sujeitos sociais que são essas crianças e o contato que as mesmas têm com diversas pedagogias da sexualidade que estão em vigência em nossa sociedade: na televisão, nas músicas, nas relações ao seu redor, na escola. Estes espaços, nos discursos autorizados em seus contextos, evocam na diferença sexual uma diferença material e que, ao mesmo tempo, é marcada e formada por práticas discursivas, produzindo os corpos e o próprio sexo (Butler, 2000).

Comentando sobre a primeira infância, um terapeuta transpessoal fala sobre a “sede de pai” (00:25:06) que meninos têm, pois, de acordo com ele, os pais são os que saem de casa para buscar sustento e a figura da mãe não é capaz de diferenciar entre cuidar e impedir:

Os meninos eram muito impedidos de ser, de extravasar a sua natural presença de um homem natural dentro dele, justamente por repressão da mãe, porque não conseguia entender, por que nunca tinha vivido aquilo, o que que era uma dinamicidade do menino, que começa então a querer expressar a sua força, inclusive hormonal de presença e tudo... Então os meninos brincavam muito de espada, e as mães não conseguiam entender isso, e começavam a trazer muito uma imagem de que esse lado do menino era um lado de violência e não um lado de canalizar a sua energia masculina (00:25:28).

Ele tece críticas em relação à conduta materna, alegando que mães criam empecilhos para canalizar a “energia masculina” (00:26:07) dos meninos, referenciando a castração materna. Ao falar de “energia masculina”, esse discurso reitera a ideia de um corpo pré-definido, que, através da norma, naturaliza-se e produz linhas causais entre sexo biológico, gênero e sexualidade, que são constituídos culturalmente (Butler, 2003). Para a produção deste “homem natural”, o patriarcado exige dos meninos um “assassinato da alma” (hooks, 2021, p. 182), ao impor à eles a desistência de quem são, de sua integridade emocional, de suas capacidades de empatia “para se conformar ao ideal patriarcal” (*ibid.*, p. 182), performando força e agressividade.

O que esse terapeuta transpessoal entende como “energia masculina” ou “força [...] hormonal” é, na visão pós-crítica, um efeito da pedagogia da sexualidade, que se dá em um treinamento social violento, que ensina aos meninos que a raiva e a brutalidade são as únicas expressões emocionais aceitáveis ao sexo masculino. O mesmo terapeuta transpessoal parece se contradizer quando fala que os meninos têm uma energia masculina natural de “potência” e ao mesmo tempo, apresenta um entendimento de que a posição de menino enquanto sujeito violento é produzida discursivamente:

“Então quando uma mãe diz ‘meu filho tu é violento’... ‘eu não sabia, eu sou violento gente...’ porque a mãe está dizendo, então ‘como é ser violento?’ [...] na hora que os pais começam a dizer tu és isso, tu és aquilo, se ele é uma criança assim que honra seus pais, mesmo que não tenha condição social nenhuma, ele obedece a aquele mandato” (00:29:58).

A linguagem, quando fala dos corpos e sexos, não apenas constata ou descreve, mas ao nomear, constrói, produz os corpos e os sujeitos (Louro, 2004). O corpo, socialmente construído, é um acervo vivo que conta a história do processo de produção sexual, em que certos códigos são naturalizados, impondo aqui, aos meninos, o fato de gostarem de esportes, serem “indisciplinados” e, até mesmo, mais agressivos, naturalizando algumas formas de ser masculino (Bento, 2014). Portanto, as masculinidades, assim como outras identidades sociais, são produzidas por repetições de verdades e falas que reforçam a ideia de que existe uma essência, uma forma pré-estabelecida de ser (Butler, 2003).

O artigo de Caetano *et al.* (2015, p. 1) provoca com o título: “ninguém nasce homem, torna-se homem”, tensionando o pensamento em relação à noção de que o *status* de masculinidade depende de um trajeto prescrito, com concordância às regras e normas. De acordo com Butler, apesar das “normas regulatórias” que materializam o sexo dos sujeitos, os corpos nunca se conformam completamente às normas impostas, e essas regras precisam ser reiteradas constantemente para exercerem seus efeitos, por meio de verdades limitadoras. Dessa maneira, evidencia-se o caráter performativo das normas regulatórias do sexo (Butler, 2000). De acordo com Caetano *et al.* (2015, p. 7), o sujeito que performa, no sentido amplo de performance, “passa a acreditar no que está dizendo ou fazendo para convencer a audiência”.

Em uma roda de conversa entre vários homens, outro terapeuta diz que:

Parece que se os homens aprenderem a chorar, tá tudo resolvido. Parece que toda a não-inteireza do homem 'tá' na incapacidade de chorar [...] a nossa violência, a nossa brutalidade, ela não tem a ver só com a não expressão da emoção, mas tem a ver com o não reconhecimento da nossa força (00:43:30).

Aqui, ele também se refere à mãe que não dá espaço para o menino exprimir sua potência, sua força. Ele diz que o controle exercido pela mãe na infância é o que vai gerar, na vida adulta, a falta de controle emocional, explosões de raiva e episódios de violência. Nesta fala, pode-se perceber um discurso de naturalização da violência, definindo-a como inerente ao homem, ao mesmo tempo que ignora que se trata também de um instrumento de manutenção de seu *status quo*.

Contudo, como evidenciado por Kimmel (1998), as masculinidades representadas em produtos midiáticos como programas de televisão, comerciais, filmes, jogos, produzidas a partir do hipermasculinismo, compelem o uso de violência e práticas de dominação, performance que os espectadores tendem a reproduzir (Baliscei; Fernandes, 2024). O termo contemporâneo "masculinidade tóxica" nomeia esses padrões de violência e a supressão de afetos postas aos meninos e mostra que essas noções, reproduzidas nas mídias, nas escolas e nas famílias, estão intrinsecamente ligados aos rituais de validação da virilidade. Portanto, o uso da violência por homens é performático e não intrínseco, pois faz parte do conjunto de "normas regulatórias" da masculinidade. Assim, a produção e busca de uma masculinidade hegemônica contribui para produzir um contexto de incentivo às ações que colocam a vida do homem e de outros em risco, além de promover condutas autoritárias, ambas gerando relações humanas violentas (Alves *et al.*, 2012).

Apesar de alguns participantes do documentário tecerem reflexões em direção à uma flexibilização dos papéis de gênero estabelecidos socialmente, seus entendimentos parecem estar ainda muito vinculados à verdades que pressupõem que existe apenas uma maneira correta de ser homem, uma essência "pura", *a priori* das diferenças culturais. Isso pode ser observado na fala abaixo:

"Ficou confuso na nossa civilização essa coisa, o que é ser homem... eu acho que o que a gente resgata aqui é isso, o que é verdadeiramente ser homem? Ser homem é o cara não poder chorar, é isso? [...] O homem não podia fazer certas coisas, que na verdade é natural do homem, mas foi colocado como uma coisa não-natural pro homem." (00:42:30)

Portanto, para além de uma essencialização biológica do homem, percebe-se também uma narrativa que se alia a uma homogeneização dessa identidade: fala-se do homem, no singular e independente de contexto social, raça, classe econômica. A defesa de uma flexibilização dos papéis de gênero por parte de alguns participantes não vem associada à uma crítica da dominação masculina, mas em defesa de outras possibilidades de ser homem, que segue apoiada em uma lógica do que é “verdade” e “natural” para o homem, mantendo-se em uma perspectiva binária e que ignora o gênero como uma performance apreendida.

Para a autora, os “terapeutas da masculinidade” tendem a ignorar “as questões sociais e a desigualdade econômica e [...] o contexto internacional” (Connell, 1995, p. 194). Dessa maneira, fortalece-se uma essencialização do homem enquanto indivíduo social, reforçando que há uma maneira única de ser homem, não promovendo uma ruptura nesse discurso e ocultando o quão social é essa construção de tornar-se homem. Todavia, questionar justamente a homogeneização das masculinidades pode contribuir para dar visibilidade às múltiplas masculinidades, que muitas vezes são subjugadas, deslegitimadas e violentadas (da Silva; Santos, 2021).

No final do documentário, discute-se a performance dos homens nas relações sexuais e suas restrições e padronizações a partir do modelo patriarcal de se relacionar sexual e amorosamente com mulheres. Nos debates e colocações, mantém-se uma cisheteronormatividade hegemônica central, “natural”, onde o homem e a mulher “se complementam” - alicerçando-se a uma visão binária de gênero. Novamente, o essencialismo biológico aparece ao relacionar a heterossexualidade à natureza, ou seja, ao assumir o desejo pelo sexo/gênero oposto como natural, passa a vê-lo como a forma compulsória de sexualidade (Louro, 2004).

De acordo com Foucault (1988), a oposição (e complementaridade) homem X mulher se sustenta em uma relação de saber-poder, que constrói regimes de verdade, ou seja, que produzem a heterossexualidade e a heteronormatividade como um regime de verdade. Isso demanda um conjunto de instâncias e instituições que se ocupam de regular, controlar e disciplinar a conduta dos sujeitos, nesse caso, para corresponderem ao padrão vigente de masculinidade e heteronormatividade. Os participantes do documentário parecem reafirmar e repetir uma norma binária, na qual o corpo, ao ser identificado como macho ou fêmea no nascimento, determina o gênero

(masculino ou feminino) e por consequência estabelece o desejo, dirigido ao sexo/gênero oposto (Louro, 2004).

## 5 Considerações Finais

Este ensaio teórico buscou analisar falas de masculinidades contemporâneas a partir do documentário “O Homem e suas Amarras” (2021), utilizando o conceito de “Terapias de masculinidade” de Connell (1995) a fim de problematizá-las e colocá-las num contexto mais amplo de debate. Não se subestima a necessidade do desenvolvimento de comunidades de homens cisheterossexuais que procuram entender e questionar suas masculinidades. Contudo, buscou-se evidenciar que, por vezes, essas masculinidades se mantêm subservientes ao sistema hegemônico patriarcal e ao *status quo*. Ao focar na absolvição da culpa emergida entre homens pelo discurso feminista, esse movimento corre o risco de contribuir para criação de um universo masculino ainda mais isolado e desconectado de suas relações sociais.

Dessa maneira, entende-se como urgentes pesquisas implicadas em compreender, mapear e analisar os processos de produção de masculinidades e os regimes de verdade envolvidos em sua produção. Pensa-se que, nesse cenário, o Ensino de Ciências desempenha um importante papel ao abordar o corpo em sala de aula. A área pode contribuir para um afastamento de noções essencializantes e biologizantes de construtos culturais, por exemplo questionando a ligação das posições de sujeito “homem” e “mulher” aos corpos sexuais e suas performances esperadas. Nessa direção, reitera-se a relevância do investimento na pesquisa de Mestrado da qual este artigo faz parte, a qual busca investigar as verdades que permeiam as aulas de Ciências e suas contribuições para a produção de masculinidades.

Ademais, pensa-se a teoria *queer* e suas metodologias de desconstrução como um caminho possível para ampliar o pensamento para além do binarismo. Não como uma resposta estática ou solução definitiva, mas como uma ferramenta contínua para discutir e dismantelar a lógica que sustenta o regime cisheteronormativo patriarcal, também presente no Ensino de Ciências. Ao ultrapassarmos uma atitude epistemológica que se resume a olhar para a identidade e voltarmos para a produção das diferenças, para o conhecimento, (Louro, 2001) a teoria *queer* possibilita

compreender a instabilidade de todas as identidades e sua dependência da cultura e estruturas discursivas.

## Referências

ALVES, Rejane Aparecida; PINTO, Lauriza Maria Nunes; SILVEIRA, Andréa Maria; OLIVEIRA, Graziella Lage; MELO, Elza Machado de. Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 16, n. 43, p. 871-83, out./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/5KcyqJx8Y9mMTNpJdN9qKQQ/?lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

BALISCEI, João Paulo; FERNANDES, Pedro Henrique Decleva. Tiktokzação das masculinidades: estudos culturais, questões de gênero e juventude contemporânea. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 478-497, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/16998>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, São Carlos, n. 2, nov. 2014. Disponível em: <https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/64>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Márcio; DA SILVA, Paulo Melgaço; DE GARAY HERNANDEZ, Jimena. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 8-18, 2015.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & realidade*, Porto Alegre/RS, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero – Uma perspectiva global*. Tradução e Revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem são os meninos que fracassam na escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 11-40, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/55Vsf556pygQr74vN6djNGH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

COSTA, Marisa Vorraber; DE ANDRADE, Paula Deporte. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843–862, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

COSTA, Marisa Vorraber.; SILVEIRA, Rosa. Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/jun./ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca. 'Minha mãe me vestiu de Batman, mas eu sou a mulher gato' - discussões sobre *scripts* de gênero, sexualidade e infâncias. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane. (Org.). *Educação, Gênero e Sexualidade: (im)pertinências*. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 56-74.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca. Rompendo com os *scripts* de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca (Org.). *Educação, transgressões e narcisismos*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade v. I: Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

GUIZZO, Bianca Salazar; RIPOLL, Daniela. Gênero e Sexualidade na Educação Básica e na Formação de Professores: Limites e Possibilidades. *Holos*, Natal, v. 6, p. 472-483, 2015. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2945>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

HOOKS, bell. *O desejo de mudar: homens, masculinidade e amor*. Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

LOPES, Maurício Nazarete; RIBEIRO, Paula Regina Costa; DE VARGAS, Juliana Ribeiro. Ser homem nas quebradas: um olhar sobre videocliques de grupos musicais de rap e rock do sul do Brasil. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 39, n. 121, p. e14408, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/14408>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, n. 9, p. 541-553, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais do Gênero: Perspectivas Feministas Crítica na Psicologia Social*. 1996, 464 p., Dissertação (Doutorado) - Instituto de Educação e Psicologia, Braga: Universidade do Minho, 1996. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/65145/2/30136.pdf>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

OLIVEIRA, Antonio Carlos de; BRITO, Leandro Teófilo de; LOPES, Paulo Victor Leite. Masculinidades plurais. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, Ano 26, n. 55, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61434/61434.PDF>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador - Entrevista com Berenice Bento. *Áskesis*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 143-155. jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/61>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

PAHO - PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Masculinities and Health in the Region of the Americas*. Executive Summary. Washington, D.C.: PAHO; 2019. Disponível em: <https://iris.paho.org/items/ee22d7ab-b7af-4614-ae67-209ac0afa1d1>. Acesso em: 9 mar. 2026.

PEREIRA, Reginaldo Santos; DINIS, Nilson Fernandes. Contribuições da teoria pós-estruturalista e dos estudos culturais para a pesquisa em educação. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 25, p. 72-93, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321922337> Contribuicoes da teoria pos-

estruturalista e dos estudos culturais para a pesquisa em educação. Acesso em: 31 Jan. 2026.

REVEL, Judith. *Foucault: Conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SEFFNER, Fernando. A virilidade vaza, o poder masculino oscila, os homens se inquietam: é crise, é hora de mudar a vida. *In: Corpo: artigo indefinido*. Globo comunicação e participações S.A. 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/tGsu> Acesso em: 9 mar. 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 1999.

SILVA, Joaquim Fernando Mendes da; SANTOS, Marco André Ferreira de Araújo. Reflexões teóricas acerca das masculinidades sob a perspectiva de Pierre Bourdieu envolvendo propostas de investigações em aulas de Química. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 13., 2021, Online. *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76559> Acesso em: 31 Jan. 2026

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... *In: COSTA, Marisa Vorraber Costa (org.). Caminhos investigativos I*. Rio de Janeiro/RJ: Lamparina Editora, 2007, p. 23-38.